

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

A Cor da Dor – esboço de uma paleta literária

Margarida Reffóios
Universidade de Évora
CEL – Centro de Estudos em Letras (Universidade de Évora)

De toutes les qualités la couleur est celle dont il est le plus difficile de parler.

Aristóteles

Nos textos literários medievais que temos vindo a analisar do ponto de vista médico¹, a cor é utilizada para definir e especificar situações clínicas (provocadas ou naturais). Obedecendo a um código linguístico simbólico muito complexo, a explicação de determinado acontecimento através da cor permite reconhecer doenças.

Recorrendo ao saber médico da época², tentaremos analisar como é que a cor define ou não uma patologia clínica. Num segundo momento, estudaremos alguns exemplos literários para ver de que forma o autor medieval coloca ao nosso alcance um saber médico precioso.

1. Definição de cor

Através da cor podemos demonstrar, de certa forma, como é que a dor – muitas vezes associada a um cenário puramente maravilhoso – se encontra ancorada na realidade. De todo o *corpus* que me foi dado a observar, o maior número de ocorrências contempla o coração e o sangue que dele emana. Motor da máquina humana, este órgão é central no percurso do herói. Assim, falar de cor é falar, acima de tudo, do coração e do sangue que o alimenta.

Da cor podemos dizer que é universal e que representa sempre o suporte do pensamento simbólico.³ Por outro lado, sendo uma qualidade difícil de analisar, a estética da cor é um dos aspectos importantes do belo medieval. E não é por acaso que, no mundo da sétima arte, quando são abordadas temáticas medievais, o sangue é alvo de elevados enfoques. Segundo D. Buschinger, essa Idade Média adquiriu, *bom grés mal grés* a negativa

¹ Reffóios, Margarida, *Imagens do Código Alimentar nos Romances Antigos, nos Romances de Chrétien de Troyes e nos Romances de Gautier d'Arras*, Évora, 2003. (Tese de doutoramento - no prelo).

² Oliveira, Luís Nuno Ferraz de; Dória, José Luís, *História da Medicina*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2001, p. 129-145.

³ Gheerbrant, Alain; Chevalier, Jean, «Couleur», *Dictionnaire des Symboles*, Paris, Robert Laffont, 1982, p.294.

adjectivação de sujo e perigoso.⁴ Injustiçada, a cor serve, no meu entender, para sublinhar a crueldade e a brutalidade sanguinária a que muitos autores medievais se cingiram.

2. A cor como código da dor

Atrevo-me a relembrar um número da revista *Senefiance* inteiramente dedicado à violência no mundo medieval para citar alguns dados publicados por Sodigné-Costes. Diz esta autora que o corpo do herói massacrado (*meurtri*) é um corpo humano descrito, por detrás do véu da invenção literária, em função dos conhecimentos anatómicos e médicos da época. Assim, tratar a cor da ferida, num texto medieval, implica um olhar histórico-literário, médico e antropológico.⁵

De facto, as feridas provocadas por golpes de espada são sangrentas, as perdas de sangue enfraquecendo os combatentes e levando mesmo, muitas vezes, à interrupção do combate.

O sangue surge no romance medieval como símbolo de vida, símbolo de vigor mas também como identificador de adultério. É o primeiro vestígio que é dado a observar, denunciando a ferida pois, de forma recorrente, mancha a camisa, escorrendo por baixo da armadura. É também a perda de sangue que faz com que se torne urgente chamar o médico. Ainda segundo Sodigné-Costes:

Le traitement des plaies intègre, surtout dans les romans de Chrétien de Troyes, un tel réalisme qui semble un reflet de la vie pratique qu'il est intéressant de comparer ces soins qui nous paraissent à la fois simples et stéréotypés à la littérature médicale contemporaine.⁶

No *Perlesvau*, curiosamente, é o sangue derramado pelo cavaleiro negro - derrotado pelo rei Artur - que regenera e trata o rei:

La demoiselle prent le sanc du chief au chevalier, qui encore decorroit toz chaut ; après le lie seur la plaie, puis fet le roi revestir son hauberc. « Sire, fet ele, vos ne fussiez jamés gariz se par le sanc de cest chevalier ne fust.⁷

3. A doença e os humores

Uma outra forma de marcar o coração na sua fisiologia passa pela sua relação com os humores. Christine de Pizan, por exemplo, nas *Cent Ballades d'amant et de dame*, inclui no discurso do amante que fala do seu coração a constatação de que «sanc, vie et humour lui defaillent»⁸. Também Villon nota no *Débat du cuer et du corps* que o coração já não possui

⁴ Buschinger, Danielle, «La violence dans le Roman de Tristan», *La violence dans le monde médiéval*, *Senefiance* n° 36, 1994, p. 87.

⁵ Sodigné-Costes, Geniève, «Les blessures et leur traitement dans les romans en vers (XIIe – XIIIe siècles)», *La violence dans le monde médiéval*, *Senefiance* n° 36, 1994, p.501.

⁶ *Id.*, p.511.

⁷ *Le haut Livre du Graal, Perlesvaus* (ed by W. A. Nitze and T. A. Jenkins), The University of Chicago Press, Chicago; vol. I; Text, Variants and Glossary, 1932; vol. II: Commentary and Notes, 1937, p. 41.

⁸ Pizan, Christine de, *Cent Ballades d'amant et de dame* (éd. par J. Cerquiglini), Paris, UGE, 1982, ball.1, v. 10-11.

nem «substance ne liqueur»⁹. Aqui o coração está no centro dos humores. Conforme nos foi dado a observar, a medicina medieval baseia-se na teoria dos quatro humores cuja dosagem marca simultaneamente a saúde e a estabilidade do indivíduo.¹⁰

Tendo em conta os valores médicos da época, procurámos entender porque é que os autores elogiam e privilegiam o coração ao longo da Idade Média. Na verdade, verificámos que a Medicina árabe – que marcou profundamente a forma de pensar ocidental – procura justificar como o coração é fundamental para o organismo humano. Segundo Alcher de Clairvaux, existem três formas de força:

1. *naturalis*, associada ao fígado;
2. *spiritualis*, associada ao coração;
3. *animalis*, associada ao cérebro.

Não há dúvida de que nos romances medievais, o *espiritual* assume um papel primordial, logo faz sentido que o coração esteja no centro das descrições médicas e outras que vão sendo expostas.¹¹

As doenças cardiovasculares, que representam uma das causas principais de morte no mundo ocidental actual, não têm lugar no mundo medieval. Nesse domínio, a esperança de vida é tão reduzida que o sistema circulatório nunca chega a apresentar escleroses. Já para não referir que muito antes de ser atingido por qualquer sintoma do sistema, a fome, a peste, a febre tifóide e outros agentes exteriores, se encarregam de matar.

As doenças do coração eram, por outro lado, muito dificilmente detectadas. Na verdade, o coração é pouco conhecido embora os médicos confirmem que esse órgão é “princípio de vida”, atribuindo-lhe a designação de órgão principal. Será preciso esperar pelos estudos de Michel Servet (1553)¹² e André Vesálio (1564)¹³ para chegar à conclusão de que existe uma circulação pulmonar, para verificar que o coração direito comunica com o esquerdo e para distinguir as veias das artérias.

Os sábios estão conscientes, na Idade Média, de que o coração tem uma função fundamental pois consideram-no como o órgão principal, fonte de vida que reenvia para o corpo todo o calor e que simultaneamente está associado à alma. Mas também estão conscientes de que este órgão *esperital* é difícil de tratar. A medicina sábia da época recomenda que haja moderação e que sejam evitadas emoções fortes assim como paixões e vícios que cansem o coração. Assim, interessa-nos concluir que na medicina medieval há vestígios de um certo modernismo pois estamos perante uma medicina preventiva, sendo-lhe reconhecido o mérito de tal posicionamento.

⁹ Villon, François, *Oeuvres* (éd. par A. Longnon), Paris, Champion, 1958, p.92

¹⁰ Drizenko, Antoine, «Quand le sang se met à suivre le sens de la circulation», *Médecin et Médecine. Manuel d'introduction à l'étude de l'Histoire de la Médecine*, Paris, Champion, 2001, p.57-91.

¹¹ Ribémont, Bernard de, «Le cuer del ventre li as traïs. Coeur arraché, coeur mangé, coeur envolé: un regard médico-théologique sur quelques thèmes littéraires», *Senefiance* 30, 1991, p. 347-361.

¹² Sousa, A. Tavares de, *Curso de História da Medicina*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 135, 166, 300, 323.

¹³ Antoine Drizenko, *op.cit*, p.77-81.

4. Paleta literária: alguns exemplos.

Vejam, então, alguns exemplos dessa paleta literária. Notámos que o resultado dos combates ganha, por vezes, dimensão épica. No *Gui de Warewic*¹⁴ os combatentes apresentavam o leitor com um espectáculo dantesco:

Decolpent poinz e braz et pez;
Par la place gisent detrenchez. (v. 2197-98).

Para, depois, descreverem como o sangue (humores) escorre:

Et li sang tuit chaut et boillant
Par mainz leus fors des cors lor bolent,
Qui par desoz les haubers colent (v.6202-6204)

E ainda:

Navrez estes enz el flanc
Parmi les mailles vus rait le sanc (v. 1356-1357)

A lança, penetrando o olho do cavaleiro, causa o golpe fatal. No *Chevalier de la Charette*:¹⁵

S'ancontre un chevalier venant
Et joste a lui, sel fiert si fort
Par mi l'uel que il l'abat mort. (v. 2384-86)

Como efeito desse golpe, verifica o autor que o sangue escorre por baixo da armadura:

Le sanc jus de ses plaies tert
A sa chemise tot entor (v. 3323-3324)

Ou:

Et vos estes formant plaiez:
Je voi les plaies et le sanc (v. 3350-3351)

Refira-se, ainda, a título de exemplo o *Conte du Graal* ¹⁶:

Li fiert par mi l'uel el cervel,
que d'autre part del haterel
le sanc et le cervel espant. (v.1113-15)

¹⁴ *Gui de Warewic* (éd. par Alfred Ewert), Paris, Champion, 2000.

¹⁵ Chrétien de Troyes, *Le Chevalier de la Charette* (publié par Mario Roques), Paris, Champion, 1983.

¹⁶ Chrétien de Troyes, *Le Roman de Perceval ou Le Conte du Graal* (publié par William Roach), Genève, Droz, 1959.

No *Bel Inconnu*¹⁷, o combate entre Gui Warewic e Esclandart, o sarraceno é mais realista e o resultado mais sangrento porque o infiel foge com um bocado da lança atravessado no corpo:

Gui le refiert par grant air,
escu ne halberc nel put garir;
Ainz le fiert par grant esforz
De sa lance par mi le cors
Esclandart s'en va fuiant,
Envers l'ost formant brochant;
Par mi le cors ad un trunçun,
Des mains se tient a l'arçun,
E par detrés e par devant,
Le sanc del cors li vait raiant. (v.3137.40; 3158-64)

E em *Érec et Énide*¹⁸ também as descrições não são menos realistas:

ceinz fiert le primerain en l'uel
Si par mi outre le cervel
Que d'autre part le haterel
Li sans et la ceruele en saut ;
Et cil chiet morz, li cuers li faut. (v. 4418-4422)

5. Conclusões

Em suma, podemos dizer que a paleta de cores que julgávamos poder encontrar deu lugar a uma série de ocorrências à volta do vermelho. Cor da vida, o envolvimento semântico deste vocábulo “vermeil” faz sempre referência à luz e à beleza. É a cor, por excelência, da Idade Média. (não preciso recordar a beleza que emana do episódio da lança que sangra ou no estado adormecido de Lancelot que vê três gotas de sangue deslizarem pela neve, lembrando o rosto de Guenièvre.)

Para concluir, gostaria de desviar a atenção para um estudo não menos interessante sobre o coração e sua marcante coloração. Verificámos que de uma doença física identificável aos olhos do médico e que o escritor pretende tornar visível ao leitor, passamos, muitas vezes, no romance para uma doença que, hoje identificaríamos como sendo uma doença do foro psicológico: a doença do amor. Em tudo comparável à patologia de doenças comuns no mundo da medicina, o herói apresenta-se como tendo o coração afectado, perfurado por dolorosas setas que desencadeiam uma patologia cujas manifestações clínicas levam a fazer intervir um médico. No *Amadas et Ydoine*,¹⁹ que trata demoradamente o “mal d’amour”,

¹⁷ Renauld de Beaujeu, *Le Bel Inconnu* (publié par Michèle Perret), Paris, Champion, 2003.

¹⁸ Chrétien de Troyes, *Érec et Énide* (publié par Mario Roques), Paris, Champion, 1981.

¹⁹ *Amadas et Ydoine* (éd. par John Reinhard), Paris, Champion, 1998.

a dimensão fisiológica é valorizada pela expressão “vaines du cuer”. Concluimos, deste modo, que também os poetas não nunca perdem de vista o carácter orgânico do coração:

Un souspir jeta a larron
 Tres par mi les vaines du cuer:
 «Ha! las!» fait il, com je me moer
 Por vous ma bele, douce amie! (v. 260-263)²⁰

²⁰ *Amadas et Ydoine* (éd. J.R.Reinhard), Paris, CFMA, 1974.

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10